



e agora, Dilma ?

Aposta na boa formação com a escola particular

Sem esperanças de melhoria da rede pública, nova classe média vai à luta para educar seus filhos

CRISTIANE BONFANTI
cristianebonfanti.df@dabr.com.br

A estudante Karoline de Almeida Carvalho, 13 anos, não consegue esconder a ansiedade. Depois de cursar quase todo o ensino fundamental na rede pública, ela vai viver uma experiência nova a partir de fevereiro em uma escola particular. A transição tem mobilizado a família. Preocupados com o futuro da filha, os pais se preparam para, ao longo de 2011, desembolsar R\$ 600 em mensalidades — 10% da renda da casa. O caso retrata fielmente um Brasil que, devido à ausência do Estado, resolveu bancar por conta própria a formação das próximas gerações. Ao mesmo tempo, a história de Karoline exibe o tamanho do incômodo a ser enfrentado pela presidente Dilma Rousseff no campo da educação pública brasileira.

Por trás da migração de estudantes para a rede privada, está a ascensão social que fez emergir uma parcela considerável da população. Nos últimos seis anos, nada menos do que 30 milhões de pessoas inflaram a classe média. Com maior poder de consumo, esse contingente de homens e mulheres renovou suas aspirações e passou a exigir, entre outras coisas, educação de qualidade como forma de buscar empregos e salários melhores.

O setor educacional protagoniza um processo de consolidação impressionante. Projeções da Eurononitor, empresa de pesquisas e análises de mercado, indicam que a expectativa de crescimento é de 9,6% ao ano no Brasil até 2020, ou 149,03% no acumulado da década. A movimentação passará de R\$ 160,1 bilhões para R\$ 398,7 bilhões por ano. “Vivemos o chamado bônus demográfico (mais pessoas em idade produtiva do que crianças e idosos), mas não temos educação de qualida-

de. A nova pirâmide da sociedade pressionará cada vez mais a demanda pelo ensino”, afirma Ricardo Madeira, professor do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (USP) e especialista no assunto.

O economista Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), diz que o Brasil não está preparado para aproveitar o bônus demográfico. “Temos uma situação excepcional que, se não vier acom-

panhada de mais e melhores escolas, será desperdiçada. O nível de educação está crescendo, mas ainda é muito ruim”, critica.

Para Raquel da Silva Santos, 36, a realidade é outra. Endividada, desempregada e mãe de três filhos, ela tem dificuldades para se recolocar no mercado de trabalho por falta de qualificação. Para tentar mudar de vida, há dois meses Raquel fez um curso técnico de auxiliar administrativo, oferecido pelo governo.

“

A nova pirâmide da sociedade pressionará cada vez mais a demanda pelo ensino”

Ricardo Madeira, professor do Departamento de Economia da USP



A estudante Karoline Carvalho (C) vai experimentar, em fevereiro, a qualidade de um colégio privado. Desempregada, Raquel faz inglês e acha que a situação ficará melhor

ANTÔNIO CUNHA/ESP. CB/D.A PRESS